



A PEROLA

REVISTA QUIZENAL LITTERARIA

Dedicada ás damas vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: H. S. Carvalho
Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães
4 de JUNHO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso 20 reis
Editor, Gabriel Pereira de Mesquita



O VALOR DAS SENHORAS

Nada mais bello, mais attrahente, mais ri-sonho e mais surpreendente do que esses entes femininos, fadados por Deus para fazerem a felicidade do homem na terra.

Como mãe, como irmã, como namorada e como esposa, a mulher tem sido, e será sempre o balsamo para todas as feridas do coração. o raio de sôl que nos alumia nas trevas cerradas d'uma existencia attribulada, a flôr que nos perfuma o ambiente que respiramos, a estrella que nos aponta um norte, nesta pedregosa senda da vida; enfim, o conforto para todos os desalentos, o allivio para todas as dôres; a mão que nos sustenta, quando, já exhaustos, e não exhaustos de esperanças, corremos a precipitar-nos no abysmo de morte ou da degração moral.

A mulher tem sido, é, e será sempre a alma da sociedade!

Sem ella tudo seria aborrecimento, tudo insulso, tudo baixo, tudo mesquinho.

Pela mulher tornamo-nos grandes, generosos, activos, elegantes, laboriosos, bemfazejos.

Praticamos o bem para nos regosijarmos com a recompensa de um olhar agradecido da mulher a quem amamos, praticando-o para nos tornarmos dignos da sua estima, da sua afeição, do seu amôr.

Evitamos o mal para não cahirmos no seu desagrado, para nos não tornarmos credores do seu desprezo.

Conjuncto de attractivos, a mulher impelle-nos cegamente a adoral-a.

Um olhar basta para nos desarmar e nos

fazer recuar de qualquer proposito máu que tenhamos concebido.

Não, ha, não pode haver creaturas na terra, cujo coração seja bem formado, que não sintam pela mulher uma doce afeição, considerando-a sob qualquer ponto de vista, isto é, como-esposa, como irmã ou como filha, como amante, ou simplesmente como protectora.



Mal que se VIRAM...

O morgado da Calçada era um d'esses ricos celibatarios que passam a vida regaladamente á sombra das suas casas solarengas. Era dotado de muita bondade, qualidade que não indicava a sua physionomia carrancuda.

Vivia com uma sobrinha de nome Rosalina e com uma criada velha. Esta era feiçissima e d'um genio atrevido; aquella—essa sim!—era d'um genio mui excellente e d'uma formosura venusta.

O morgado da Calçada era um opulento proprietario: possuia, além d'outros bens de riqueza, uma espaçosa e fertil quinta, no meio da qual se erguia uma soberba casa d'um andar, com um aprazivel jardim á frente.

Era aqui onde residia.

A um canto da quinta, entre um espesso laranjal, via-se uma casita sempre bem caiada: era a do caseiro. Este, pelo odio que inspirava aos cães, pois matava, se podia, quantos apanhasse dentro das terras que amanhava, receben o alcunha de *Ma'a-cães*.

Para o serviço agricola, havia atravez da quinta um caminho, que confinava com o jar-

dim.

Recommendo a attenção do leitor para este caminho, pois nelle teve origem a scena que vou descrever.



A poetica lua beijava as cristas das montanhas do poente, e o sol não tardava muito a romper.

As plantas balanceavam-se. acariciadas pelo suave zephiro, que, embalsamado com o aroma das flores primaveris, ia beijar a alva fronte de Rosalina, que, na janella do seu quarto, que dava para o jardim, contemplava a natureza. Estava elevada, extasiada perante tanto esplendor!

A esta hora, seguia vagorosamente pelo alludido caminho da quinta, um cavalleiro. Era um rapaz quasi imberbe, moeno, trajando com elegancia.

Quando, ao passar por junto do jardim, deu com os olhos em Rosalina, ficou fascinado, ferido pela lança de Cupido! Fazendo parar o cavallo, fitou-a com ardor e enthusiasmo e curvou-se respeitosaente.

Rosalina, não menos impressionada, correspondeu-lhe com um meigo sorriso; e, presentindo approximar-se a creada, que podia denuncial-a ao tio, despediu se do cavalleiro, que partiu a galope.



Rosalina, de manhã cedo, costumava descer ao jardim, para respirar o ar puro, fresco e embalsamado da primavera, para contemplar as plantas cobertas de camarinhas de orvalho e para, quando o sol começasse a dardejar seus raios vivificantes, ver os insectos roubar os preciosos nectares ás florinhas. Divertia-se e deleitava-se em admirar o seu jardim, que parecia um grande thuribulo evolvendo perfumes em honra do Omnipotente!

No dia seguinte áquelle em que viu o cavalleiro, desceu ao jardim. não por causa das suas predilecções, mas sim... para o que o leitor sabe perfeitamente, pois ficou tão apaixonada...

E não havia ainda meia hora que estava no seu eden, quando foi surprehendida pela presença de Martim — pois assim se chamava o cavalleiro — e então expuzeram, em palavras tremulas e cheias de enthusiasmo, o seu amor.

Rosalina, não se podendo demorar muito, por temer que a vissem, pediu para se retirar, e Martim despediu-se affectuosamente.

J. P. de Lima

(Concluiqua)

OS OLHOS DE JOANNINHA.



Olhos verdes!...

Joanninha tem os olhos verdes...

Não se reflecte n'elles a pura luz do ceo, como nos olhos azues.

Nem o fogo—e o fumo das paixões, como nos pretos.

Mas o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a flutuação e a transparencia do mar...

Tudo está n'aquelles olhos verdes!

Joanninha porque tens tu os olhos verdes!

Nos olhos azues de Georgina arde em sereno e modesto brilho, a luz tranquillada de um amor provado, seguro que deu quanto havia de dar, quanto tinha que dar.

Os olhos azues de Georgina não dizem senão uma só phrase de amor, sempre a mesma e sempre bella: *Amo-te, sou tua!*

Nos olhos negros e inquietos de Soledade nunca li mais que estas palavras: *Amame, que és meu!*

Os olhos de Joanninha são um livro immenso, escriptos em caracteres moveis, cujas combinações infinitas excedem a minha comprehensão.

Que querem dizer os teus olhos, Joanninha? Que lingua fallam elles?

Oh! para que tens tu os olhos verdes, Joanninha?

A assucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha, o alecrim azul.

Rôxa é a violeta, e o junquillo côr de ouro.

Mas todas as côres da natureza veem de uma só, o verde.

No verde está a origem e o primeiro typo de toda a belleza.

As outras côres são parte d'ella; no verde está toda a unidade da formosura creada.

Os olhos do primeiro homem deviam de ser verdse.

O ceo é azul...

A noite é negra...

A terra e o mar são verdes...

A noite é negra mas bella; e os teus olhos, Soledade, são negros e bellos como a noiet.

Nas trevas da noite luzem as estrellas que são tam lindas... mas no fim de uma longa noite que não suspira pelo dia?

E que se vão... oh! que se vão emfim as estrellas!...

Vem o dia... o ceo é azul e formoso; mas a vista fatiga-se de olhar para elle.

Oh! o ceo é azul como os teus olhos, Georgina...

Mas a terra é verde; e a vista repousa-se n'ella e não se cança na variedade infinita de seus matizes tão suaves.

O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste como a terra é alegre.

Á vida compõe se de alegrias e tristezas...

O verde é triste e alegre como as felicidades da vida.

Joanninha, Joanninha, porque tens tu os olhos verdes?...

Passeiando.

Eu, caminhava sobre os prados em fóra, ora sorrindo e admirando as lindas florsinhas cam-

pestres, ouvindo o zunido de alguns insectos que voavam no espaço do ar, e o trinado dos passarinhos, que alegremente cantavam.

Depois encaminhei para um triste e funereo cemiterio, e...entrei!...

O portal rebelde ranje, e cede, volvendo se com trabalho sobre os seus estridentes gonzos...

Admittiu-me com repugnancia e com justa razão, porque não está acostumado a dar entrada aos vivos!...

—Donde provem este repentino tremor, que se apodera de mim, e se reduplica á proporção, que me approximo d'esta multidão de mortos?

Moderai. ó minha imaginação, o vosso temor, nestes solitarios, e pacificos retiros, que não ha nada que receiar!...

Aqui os maus não podem causar damno algum. Oh! meu Deus!... Que horroroso espectáculo!... Que medonha obscuridade...

A noite aqui é eterna. Eu me approximo, e curvado applico a minha vista sobre as inscripções.

Consegui com effeito ler quanto foi bastante para descobrir, e comprehender que estava rodeado de grandes e ricos que tinham fallecido.

Esses grandes e ricos, aonde lhes existem aquelles brilhantes distinctivos da sua dignidade, que resplandeciam sobre o seu peito e ornavam a sua altiva frente?

Brazões riscados, escudos quebrados, uma estatua cheia de pó, com gesto lagrimoso: eis aqui tudo que os acompanha neste subterraneo lugar.

(CONTINUA)

A. S. Carvalho

SENHORINHA

Depois de olhar para todos os lados com a attenção propria da sua prudencia, e não vendo alma errante vaguear na senda que conduz á mansão celestial, S. Pedro resolveu fechar cuidadosamente a porta confiada á sua guarda, e reclinando-se sobre um delicioso leito de plantas perfumadas com as divinas emanções d'aquelle logar de delicias, adormeceu n'um somno profundo.

Passados instantes despertou-o um leve susurro, como o produzido por um alado insecto roçando suavemente as cordas de uma harpa:

—Parece-me que bate alguém á porta do Paraizo. Quem é? perguntou erguendo a voz.

—Sou eu, Santo Padre. Senhorinha.

—Senhorinha? E' alguma mariposa?

—Não, Santo Padre, sou eu, uma menina.

—E porque não bates com a aldrava em vez de arranhar na porta como um rato pequeno?

—Porque não lhe chego por mais que me ponha nas pontas dos pés.

—E' verdade, pensou S. Pedro. A aldabra está um pouco alta para os pequenitos.

E abre immediatamente a porta. Diante d'elle, olhos abertos e expressivos, bocca sorridente, apparece Senhorinha. Recata-lhe o corpito debil uma leve camizita de dormir, traz

os cabellos em desalinho, e aperta nos pequenos braços uma boneca linda, que a obriga a andar com difficuldade, como um pintainho caminhando contra o vento e banboando-se.

A primeira coisa que Senhorinha fez ao ver S. Pedro é offerecer-lhe a face rosada como a pedir-lhe um beijo.

—Que idade tens meu lyrio em botão? pergunta-lhe o santo correspondendo á caricia da criança.

—Não sei. Todos dizem que semelho uma rosa. Devo por isso ter idade igual á d'ellas.

S. Pedro levanta a nos braços, agazalha a nas dobras amplas da sua tunica azul e palpa-lhe os pésinhos nús:

—Ai! fi-ha! que pés tão frios! Vou aquecer-l'os.

E beija-lh'os repetidas vezes, acariciando a com extremos de pae até que a pequenita contorce-se em casquinadas de riso porque a barba do Santo lhe faz cocegas nos pés.

Vendo-a tão alegre, o contagio do riso apodera-se do chaveiro do ceo, e tanto riem os dois que os olhos d'ambos derramam lagrimas de prazer.

Passado um momento, o veneravel porteiro recupera a apparente serenidade e diz n'um tom calmo:

—Tu não sabes, Senhorinha, que as bonecas não podem entrar no Paraizo?

—Esta que eu trago não é boneca. E' minha fi-ha. Não deve entrar aqui, não, porque tem pouco juizo. Mas dão se-lhe os açoites para a castigar e depois perdôa-se lhe, não é assim?

—Praticou então faltas muito graves?

Senhorinha faz um signal affirmativo, e approximando a boneca breve do ouvido de S. Pedro, diz n'um tom mysterioso:

—E' uma marota que todos os dias faz chichi na cama. Mas vamos castigal-a. Olha, pegalhe tu um momento, que eu vou-me á procura d'uma varinha para lhe bater.

—Não é preciso Bem vêes como ella está envergonhada.

E fica sério o Santo. Senhorinha vendo-o assim, explica, baixando os olhos:

—Não faças caso. Tudo isto foi brincadeira para te fazer rir. A minha boneca não é quem faz... Sou eu...

—Olá! olá! E vamos a saber: succede-te isso muito a miudo?..

—Muito!...

—E' caso sério. Que fazer quando chegarmos á presença da Santissima Virgem, e que ella diga a todo o mundo: «Eu sei que temos aqui uma menina tão pouco ajuizada, que todas as noites faz chichi na cama...»

—Ora! isso que tem? interrompe Senhorinha. Dir-lhe-hemos que és tu...

Λ.Λ.

Minh'alma é triste

Ao meu velho amigo A. S. Carvalho

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque accorda desde o alvor da aurora,

E, em doce arrulo que o soluço imita,
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fadado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa,
Seu pobre canto com a dôr desmaia.
E seus gemidos são iguaes á queixa,
Que a vaga rôla quando beija a praia.

Como a creança que banhada em prantos
Procura o brinco que lhe levou o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gosos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste;
Ou só no campo, ou no rumôr das salas,
Não sei porque—mas minha alma é triste!

Albertino R. Barrozo

O NINHO

Entre as ramas do verde salgueiral
na folhagem mais densa mais cerrada
eu descobri uma gentil morada
tão mimosa! tão bella, um ideal!

Era um lindo cestinho entrelaçado
por verde e delicada trapadeira
fornado de folhinhas de roseira
e de branca plumagem tapetado;

N'essa fresca vivenda que encantava
habitavam dois lindos passaritos
e era bello de ver os pequenitos
sob as azas da mãe que os vigiava.

Quiz o ninho tirar, estendo a mão
e ao tocar no berço gracioso
sinto um grito, meu Deus, tão doloroso
como o gemer de afflicto coração,

Fôra a pobre avezita que o soltára
ao perceber o meu maldoso intento,
e o remorso mostrou-me ao pensamento
quanto era feia a acção que eu intentára.

Retiro a mão convulsa, e com ardôr
penso em ti, minha mãe, no teu carinho
comparo a nossa casa áquelle ninho
e teu amôr oh! mãe! áquelle amôr.

Flumenense . . .



Eu sou lyrio nascido
Em um canteiro d'um jardim! . . .
Por amôres tenho soffrido,
Elles têm soffrido por mim.

Guimarães. 2-5-905.

A. S. Carvalho



A louca de Brito

(Continuação)

—Oh! meu Deus, meu Deus!—murmurava ella—como eu amo aquelle homem! Minha mãe, mãesinha, o quanto esta filha ingrata te vae fazer soffrer! Desgraçada de mim!

E fica pensativa, escondendo a cabeça entre as mãos, com a garganta entrecortada de soluços.

Agora a mãe levanta-se tristemente, olha a filha, esboçando um sorriso de doçura que immediatamente se tornou amargo, pega em uma candeia, que, pendurada em um prego, brouxoleia, pintando sombras movediças na suja parede, e diz, disfarçando a commoção que lhe embarga um choro rompido de copiosas lagrimas:

—Boa noite, Leonôr; eu vou-me deitar... até amanhã, sim?

Leonôr sem levantar a cabeça, diz:

—Sim, querida mãe, até amanhã...

E a velha mãe lá vae para a enxerga descaçar as fadigas do seu duro trabalho, levando no coração a filha tão estremecida, emquanto que ella, fica sentada á lareira, esperando o signal do seu Julio, esse signal maldito que a vae derrubar ao monturo da deshonra, que a vae desviar por uma vez d'essas quatro toscas paredes, que lhe serviam d'abrigo, d'essas denegridas paredes que lhe escutam tantas vezes os soluços, que lhe viram tantas vezes, rebentar as chrystallinas lagrymas dos olhos e que guardam o segredo dos seus ardentes amores...

VIII

São onze horas e meia, e um vulto de homem, cosido ás sombras da noite, caminha cauteloso; pára de vez em quando, envolve-se cada vez mais na farta capa, e carrega mais para a frente o seu largo chapéu.

Um outro segue-o de longe, parando quando elle pára, e occultando-se por detraz do ramudo arvoredado.

Tudo está em silencio.

O ceu, vestido com o seu azulino manto, marchetado de fulgentes estrellas, convida os sonhadôres, os vates, para cantarem, em verso, os mysterios da sabia natureza.

De quando em quando os passos vacilantes dos dois desconhecidos, é que accordam o silencio da noite, perdendo-se, lugubrememente, aquelle abafado rumôr na concavidade do monte.

(Continua)

Delfim Guimarães